

Retirada de útero pode ser risco desnecessário

Tendência de fazer a cirurgia para evitar males da menopausa é desaprovada por médicos

LÍGIA FORMENTI

Para evitar efeitos colaterais da progesterona, um dos hormônios usados no tratamento de mulheres que estão na menopausa, médicos dos Estados Unidos estão indicando a histerectomia, operação para a retirada do útero. Essa tendência começa a chegar ao Brasil e promete provocar muita polêmica. "É um procedimento que tem de ser analisado com cuidado", afirma o chefe do Ambulatório de Ginecologia da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, José Antônio Marques.

O médico explica que, até cinco anos depois da menopausa, os ovários continuam secretando hormônios femininos. Depois disso, a produção é interrompida e os efeitos começam a ser sentidos: a pele perde a elasticidade, há maiores chances de ocorrer aterosclerose e osteoporose. "Com a reposição hormonal, evitamos que esses problemas apareçam", diz Marques.

Para mulheres na menopausa, é indicado o hormônio feminino estrógeno. Mas seu uso constante pode aumentar o risco do desenvolvimento de câncer de útero. Para evitar que isso ocorra, o estrógeno é intercalado com outro hormônio, a progesterona. "No entanto, durante o uso da progesterona, podem ocorrer alguns efeitos colaterais, como sangramento, inchaço e aumento de peso", conta Marques.

Uma corrente de médicos norte-americanos começa a indicar a histerectomia e o uso contínuo do estrógeno para fugir desses problemas. "Eles afirmam que, sem o útero, não há riscos de se prescrever somente esse hormônio", conta Marques.

Polêmica — Há quem seja radicalmente contra essa indicação. "A mulher é exposta aos riscos de uma cirurgia para evitar problemas que talvez ela nunca venha a ter", afirma o médico Cláudio Basbaum, da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp). Para Marques, o tema tem de ser analisado caso a caso. "Há mulheres que não toleram progesterona e que concordam em retirar o útero", conta. "Além disso, é possível fornecer a elas um meio para tentar combater a aterosclerose e a osteoporose, que são, respectivamente,



primeira e quarta causa de morte em mulheres com mais de 75 anos."

O aumento das indicações de histerectomia nos Estados Unidos surge em uma época em que a conduta conservacionista entre os médicos era dominante. Naquele país, o número de histerectomias já chegou a 600 mil por ano. Houve uma queda e, agora, esse número volta a crescer.

"No Brasil, o número de operações para a retirada total ou parcial do útero diminuiu bastante nos últimos anos, graças ao aperfeiçoamento de uma série de técnicas", afirma o professor da Unifesp, Cláudio Kemp. Segundo ele, principalmente nos grandes centros, a indicação de histerectomias foi reduzida consideravelmente. "Hoje procuramos preservar ao máximo o útero da mulher, mes-

mo depois da menopausa", conta.

Kemp explica que a histerectomia pode ser de dois tipos. Na total, é retirado tanto o corpo quanto o colo do útero. Na outra, o colo do útero é preservado. "Quando todo o órgão é retirado, há maiores chances de complicações", conta. A cirurgia mais radical, diz Marques, é indicada nos casos de câncer e de infecção graves pós-parto ou pós-aborto. "Há casos em que também são retirados ovários e trompas", conta.

Problemas — Até pouco tempo, a histerectomia era aconselhada para várias

problemas que ocorrem no útero. Pólipos — espécies de verrugas de natureza viral que se formam na camada interna do útero — sangramentos por problemas funcionais, aumento acentuado do útero e prolapso uterinos — queda do útero, provocada geralmente em mulheres que tiveram vários partos e uma assistência médica deficiente. Ele era

indicado também para fibromas, nódulos que se formam na camada muscular do útero.

Agora, afirma Kemp, as indicações caíram consideravelmente. "Várias técnicas conservadoras são usadas

com sucesso, em inúmeros hospitais", garante.

Cláudio Basbaum acredita que o número de operações no País poderia ser reduzida ainda mais. "Há ainda muitos médicos que, ao menor sinal de problemas, já indica a cirurgia", opina. "Além de a mulher correr um risco cirúrgico desnecessário, ela pode passar a ter problemas emocionais depois da cirurgia, principalmente se não estiver preparada."

Segundo Basbaum, nos casos em que a cirurgia é indispensável, a mulher deve recorrer a um acompanhamento com psicólogos. "Para muitas pacientes, o útero está intimamente ligado à feminilidade; com a sua retirada, elas podem ficar com a auto-estima abalada."

NÚMERO DE OPERAÇÕES CAIU BASTANTE